

James S. Grotstein

“... no entanto,
ao mesmo tempo
e em outro nível...”

Aplicações clínicas na linha kleiniana/bioniana

Volume 2

Blucher

KARNAC

“... NO ENTANTO, AO MESMO
TEMPO E EM OUTRO NÍVEL...”

Aplicações clínicas na linha kleiniana/bioniana

Volume 2

James S. Grotstein

Tradução

João Paulo Machado de Souza

Patrícia F. Lago

*Authorised translation from the English language edition published by Karnac Books Ltd.
“... no entanto, ao mesmo tempo e em outro nível...”: aplicações clínicas na linha
kleiniana/bioniana – volume 2*

Título original: “... *but at the Same Time and on Another Level...*”: *Clinical Applications in the Kleinian/Bionian Mode – volume 2*

© 2009 James S. Grotstein

© 2017 Editora Edgard Blücher Ltda.

Equipe Karnac Books

Editor-assistente para o Brasil Paulo Cesar Sandler

Coordenador de traduções Vasco Moscovici da Cruz

Revisora gramatical Beatriz Aratangy Berger

Conselho consultivo Nilde Parada Franch, Maria Cristina Gil Auge, Rogério N.

Coelho de Souza, Eduardo Boralli Rocha

Blucher

Rua Pedrosa Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Grotstein, James S.

“... no entanto, ao mesmo tempo e em outro nível...” : aplicações clínicas na linha kleiniana/bioniana – volume 2 / James S. Grotstein ; tradução de João Paulo Machado de Souza, Patrícia F. Lago. – São Paulo : Blucher, 2017.
432 p.

Título original: “... *but at the Same Time and on Another Level...*”: *Clinical Applications in the Kleinian/Bionian Mode – volume 2*

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1248-5

1. Psicanálise 2. Klein, Melanie, 1882-1960
3. Bion, Wilfred R. (Wilfred Ruprecht), 1897-1979 I. Título.

17-1395

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

PARTE I

Técnica psicanalítica

1. Entrevista: a sessão inicial 19
2. A análise tem início: estabelecimento do enquadre 25
3. Recomendações sobre técnica: Freud, Klein, Bion e
Meltzer 47
4. Como ouvir e o que interpretar 61
5. Encerramento 109
6. O tratamento psicanalítico de estados psicóticos e
borderline e outros transtornos mentais primitivos..... 117
7. Premissas básicas da técnica kleiniana/bioniana:
uma recapitulação 129

PARTE II

Apresentação de casos

8. Exemplo clínico 1 143
9. Exemplo clínico 2 189

10. Exemplo clínico 3: breve exemplo clínico da técnica predominantemente “bioniana”	219
11. Exemplo clínico 4: um paciente analisado no estilo dos kleinianos contemporâneos (minha versão)	223
12. Exemplo clínico 5: “bicicletas”	239
13. Exemplo clínico 6	251
14. Exemplo clínico 7	267
15. Exemplo clínico 8	281
16. Exemplo clínico 9	287
17. Exemplo clínico 10	295
18. Exemplo clínico 11	307
19. Exemplo clínico 12: psicoterapia psicanaliticamente informada	321
20. Exemplo clínico 13	329
21. Exemplo clínico 14	337
22. Exemplo clínico 15	343
23. Exemplo clínico 16	349
24. Exemplo clínico 17	353
25. Exemplo clínico 18	359
26. Exemplo clínico 19	369
27. Exemplo clínico 20: “a mulher que não conseguia refletir”	379
Epílogo	413
Referências	415

1. Entrevista: a sessão inicial

Ao entrevistar o futuro analisando pela primeira vez, a experiência sugere que pode ser melhor para o analista não confundir esta entrevista com a análise em si. Etchegoyen (1991) acredita que uma distinção clara deve ser feita entre a consulta original cara-a-cara e a análise futura de modo a permitir que o potencial analisando desenvolva uma impressão da realidade da presença do analista – ao menos uma imagem baseada naquilo que ele é capaz de apreender durante a consulta. Klein e seus seguidores, inclusive Bion, parecem frequentemente fazer algo diferente disso. Eles consideram que a análise já começou desde o início da entrevista inicial e, embora se interessem pela história passada, não perguntam diretamente sobre ela, mas permitem que ela se revele por conta própria. Em outras palavras, eles seguem as associações livres do analisando e interpretam a transferência desde o princípio. Essa foi minha experiência em minhas análises kleiniana (Albert Mason) e kleiniana/bioniana (Bion). No entanto, Mason (comunicação pes-

soal) defende o ponto de vista de que ele prefere coletar alguns dados sobre o passado do analisando para evitar ser surpreendido pelo aparecimento de psicoses, vícios e outros transtornos do tipo.

A entrevista inicial permite a avaliação do analisando em potencial no que diz respeito à sua adequação para a análise e representa a melhor oportunidade para que o analista esclareça a natureza do procedimento analítico, a justificativa para o uso do divã, o estabelecimento dos honorários, o agendamento das sessões e as regras do analista com relação às faltas.

Também descobri que pode ser útil em certas ocasiões estender a entrevista inicial por até seis sessões consecutivas para uma melhor avaliação, principalmente da adequação para a análise – comigo. Minha postura varia de um analisando em potencial para outro no que se refere à coleta de uma história detalhada. Geralmente, prefiro não fazê-lo – prefiro entrar em contato com ela conforme ela emerge durante a análise. Em outros casos, no entanto, posso optar por focar-me sobre a história por acreditar, naquela ocasião, que devo proceder assim: ou, para criar uma piada bioniana apócrifa, “Não há problema em coletar uma história desde que você se esqueça dela rapidamente!”

Uma vez que tenhamos concordado sobre a indicação da psicanálise e após minha sugestão de que os pacientes venham idealmente cinco vezes por semana, os futuros analisandos podem ficar chocados e assustados, especialmente por associar esta frequência com a gravidade de sua psicopatologia. Explico então que a frequência não tem nada a ver com sua doença, mas que representa a natureza do procedimento que funciona de modo ideal sob estas condições. Sigo adiante dizendo que, com os atendimentos ocorrendo nesta frequência, as emoções e os pensamentos que uma sessão analítica podem evocar podem então ser abordados na

sessão ou nas sessões seguintes. Do contrário, eles retornariam ao inconsciente e não seriam trabalhados.

O analisando compreende rapidamente, uma vez que a análise esteja em curso, que a frequência resulta no estabelecimento de um “ritmo de segurança” (Tustin, 1990, p. 160): um ciclo invariante que corresponde à experiência que o bebê tem da congruência ideal entre dois ciclos: (a) a chegada e a extinção de suas necessidades alimentares e (b) a chegada e a partida da mãe para satisfazer sua carência. Quando ocorrem alterações ou quebras desta frequência, o “ritmo de segurança” é rompido (“mudança catastrófica”: Bion, 1970): essa experiência representa um aspecto importante do *contexto adaptativo*¹ (Langs, 1976a, 1976b) e/ou do *objeto analítico*² (Bion, 1965).

No passado, o uso do divã era recomendado apenas em tratamentos de quatro ou cinco sessões semanais. Atualmente, muitos psicoterapeutas e mesmo psicanalistas utilizam o divã para tratamentos baseados em uma, duas ou três sessões por semana. Acredito que cada analista ou terapeuta deva utilizar seus próprios critérios e possa consultar outros colegas a este respeito – mas também acredito que, independentemente da frequência, o analista e/ou terapeuta deve assumir e preservar a postura analítica com o paciente.

Em minha prática clínica, explico o uso do divã da seguinte forma:

Freud aparentemente pensava que era um tipo de decodificador do código secreto do inconsciente que emergia a partir das associações livres do paciente. Ele se via tão profundamente concentrado na função de decodificar que se sentia invadido quando o analisando, sentado à sua frente, mantinha o olhar sobre ele. Freud então,

para sua própria conveniência, institui o procedimento de fazer com que o analisando olhasse em outra direção e, enquanto o fazia, permanecesse deitado para ficar mais confortável. Freud não tinha ideia na época de que, ao posicionar o analisando desta maneira, isto é, com o olhar desviado e na posição horizontal, ele havia de fato revelado o funcionamento do hemisfério cerebral direito, que é não linear, menos organizado, orientado para o campo e mais emotivo e devaneador por natureza. (Grotstein, 1995c)

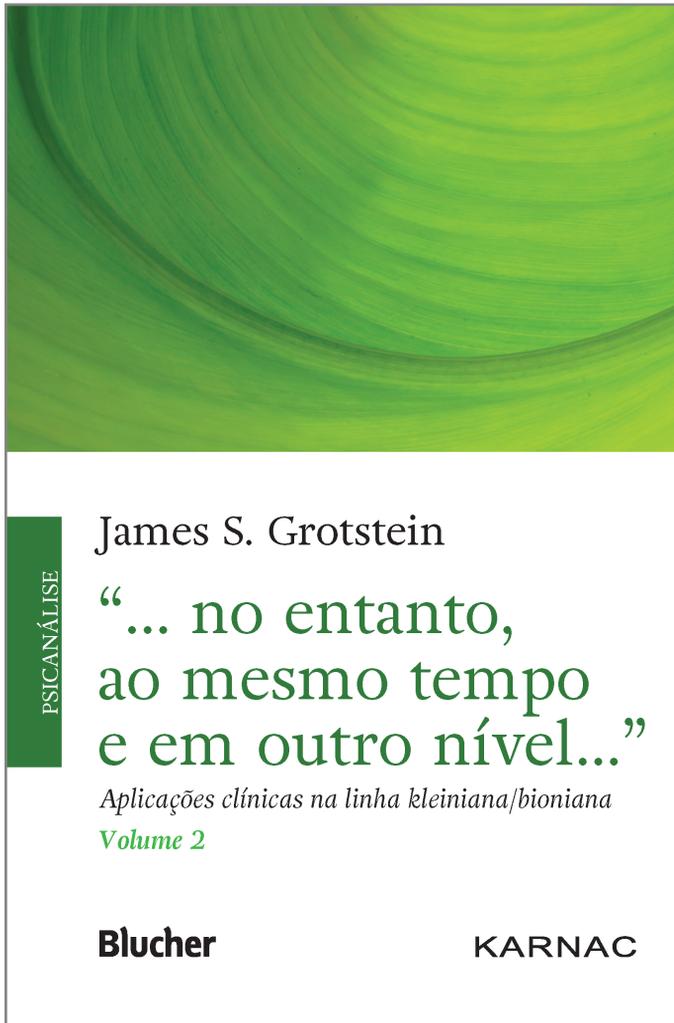
Minha experiência me informa que a sugestão do uso do divã não deve ser dogmática. Tenho contato com analisandos nos quais observo um *apego tênue* e noto que eles geralmente preferem permanecer sentados para que possam utilizar seus olhos para se ligar ao analista. Acredito que esta observação deva ser mantida em mente.

Também explico ao futuro analisando o modo como ele deve proceder uma vez que a análise tenha início: que a regra fundamental (Freud, 1913[1912-13], p. 207) preconiza que ele deve dizer tudo que lhe venha à mente, não importando quão irrelevante ou embaraçoso possa parecer. Com respeito ao modo como eu devo proceder, explico que minha tarefa é ouvir suas falas livremente criadas até que eu tenha alguma ideia sobre o que a parte inconsciente de sua personalidade esteja tentando nos dizer. Minhas intervenções serão principalmente interpretações – isto é, minha impressão em um dado momento sobre o que parecem ser suas próprias “interpretações” sobre si mesmo. Posso também fazer perguntas sobre informações que não se encontram à minha disposição. Posso ainda tentar esclarecer alguma coisa. Também explico que suas próprias perguntas dirigidas a mim serão consideradas como associações livres e podem, portanto, não ser respondidas

diretamente ou mesmo absolutamente; esclareço que esta prática não é evasiva ou grosseira por parte do analista, mas que se deve ao fato de que um pensamento, afirmação ou fantasia estivera operando antes que a questão fosse elaborada e que este precursor da pergunta (porque esta pergunta foi feita?) tem primazia sobre a própria pergunta no pensamento analítico.

Notas

1. O contexto adaptativo diz respeito a qualquer fator ou a todos os fatores do ambiente externo e/ou da análise aos quais o analisando está se adaptando naquele momento (Langs, 1976a, 1976b). Qualquer “turbulência emocional” (Bion, 1965, p. 157) decorrente de uma “mudança catastrófica” (Bion, 1970) torna-se parte do contexto adaptativo.
2. O “objeto analítico” (Bion, 1962b, p. 68) constitui a essência da máxima ansiedade inconsciente do paciente; isto é, ele representa a expressão do principal tema narrativo subjacente da sessão. Ele pode ser detectado, de acordo com Bion, por meio de “sensação, mito e paixão”, com os quais acredito que ele queira se referir à observação e à fantasia inconsciente – ou ao mito pessoal e ao mito geral ao qual ele pode corresponder (por exemplo, o mito de Édipo e as emoções vivenciadas com relação ao tema de que ele trata).



Clique aqui e:

Veja na loja

"... no entanto, ao mesmo tempo e em outro nível..." - Vol. 2

James S. Grotstein

ISBN: 9788521212485

Páginas: 432

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2017

Peso: 0.468 kg
